

ESPECIALIZAÇÃO E CONCENTRAÇÃO ECONÔMICA DO EMPREGO FORMAL NO CEARÁ: EVIDÊNCIAS DE 2021

RESUMO

O presente estudo analisa a distribuição espacial das atividades econômicas no estado do Ceará, com ênfase nas regiões intermediárias levando em conta os cinco setores: agropecuária, indústria, construção civil, comércio e serviços. Para a análise foram utilizados os dados da RAIS (2021) para o ano de 2021. A pesquisa aplica quatro indicadores clássicos da literatura de economia regional, são eles: Quociente Locacional (QL), Índice de Hirschman-Herfindahl modificado (IHHm), Participação Relativa (PR) e Índice de Concentração Normalizado (ICN), os quais permitem realizar um mapeamento dos padrões de especialização e concentração de empregos formais. Os resultados apontam elevada heterogeneidade produtiva do estado, marcada pela forte centralização de empregos nos setores da indústria, comércio e serviços por parte da Região Intermediária de Fortaleza, assim como elucida que regiões de menor porte apresentam vocações produtivas específicas. Portanto, o estudo mostrou a relevância de se analisar o crescimento e desenvolvimento regional, assim como a distribuição das atividades produtivas no estado do Ceará.

Palavras-chave: Economia Regional. Desenvolvimento. Especialização.

ÁREA DE SUBMISSÃO: Eixo 8 - Economia Regional e Urbana.

1. INTRODUÇÃO

A teoria econômica do desenvolvimento regional busca compreender os fatores que influenciam o crescimento desigual entre diferentes regiões geográficas. Autores como Perroux, North, Myrdal e Hirschman, e abordagens mais recentes, como os modelos de nova geografia econômica de Krugman, apontam que as disparidades regionais decorrem da concentração de atividades produtivas, de aglomeração e das vantagens comparativas entre os territórios (Matteo, 2011; Bellingieri, 2017). Nesse sentido, a discussão sobre desigualdades regionais não é recente, sendo constantemente revisitado diante das persistentes assimetrias observadas no território brasileiro (Cima e Amorim, 2016; Marchioro, Gubert e Gubert, 2014; Marini e Silva, 2012, Lima, 2016).

Assim, como demonstrado por Monasterio (2011), uma forma de estudar essas desigualdades, é através do uso de métodos de indicadores regionais. Nessa perspectiva, Piacenti, Alves e Lima (2008) argumentam que os indicadores de localização e especialização permitem avaliar a importância relativa de cada setor na estrutura produtiva regional e sua diversificação frente à composição do emprego. A partir dessa abordagem, os autores analisaram o padrão locacional do emprego setorial no Brasil entre 1985 e 2000, evidenciando, por meio desses indicadores, transformações significativas na distribuição regional do emprego, com tendências de redistribuição setorial ao final do século XX.

No contexto cearense, também ao utilizar indicadores locais, Lustoza, Alves e Lima Jr (2019) mostraram que houve uma redução na concentração da atividade industrial em determinadas regiões do estado, com reorientação espacial desse setor para os municípios da Região Metropolitana de Fortaleza, sinalizando um processo de reestruturação produtiva. Já os setores de serviços e comércio mostraram-se significativamente especializados em diversas mesorregiões ao longo do período, enquanto a construção civil apresentou forte concentração nas mesorregiões Metropolitana de Fortaleza e Norte Cearense no ano de 2015.

Mas, de acordo com Muniz (2015), embora políticas públicas de interiorização tenham buscado mitigar as desigualdades regionais, a Região Metropolitana de Fortaleza (RMF) ainda exerce papel centralizador na dinâmica econômica do estado. Sendo assim, apesar de já haver

sinais iniciais de deslocamento industrial da capital para municípios vizinhos, a centralidade da RMF se mantém, impulsionada não apenas pela presença das indústrias, mas também por fatores como a mobilidade da força de trabalho, os circuitos produtivos e as redes de cooperação intermunicipais, que acabam fortalecendo o processo de metropolização.

O problema dessa concentração econômica em torno da RMF, são os desequilíbrios territoriais que geram implicações para os municípios do interior, como dificuldades em atrair investimentos e gerar empregos qualificados. Consequentemente, para essas regiões há maior dificuldade em promover melhoria nas condições de vida de suas populações.

Diante desse cenário, surge o seguinte questionamento: como as atividades econômicas estão espacialmente distribuídas no território cearense e quais regiões se destacam pela especialização ou concentração setorial? A resposta dessa pergunta é essencial para a compreensão dos desequilíbrios regionais dentro do estado.

Assim, este estudo tem como objetivo analisar a concentração e especialização das atividades econômicas nas regiões intermediárias do Ceará, a partir da distribuição dos empregos formais nos setores de agropecuária, indústria, construção civil, comércio e serviços, para o ano de 2021. Para atender a esse objetivo, o trabalho utiliza de uma abordagem quantitativa, por meio da aplicação de quatro indicadores de análise regional amplamente utilizados na literatura: Quociente Locacional (QL), Índice de Hirschman-Herfindahl modificado (IHHm), Participação Relativa (PR) e o Índice de Concentração Normalizado (ICN). Os indicadores foram construídos com variáveis de emprego formal para o ano de 2021, obtidas junto a Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), considerando o recorte das regiões geográficas intermediárias.

2. METODOLOGIA

2.1 Área de estudo, recorte temporal e fonte de dados

A área escolhida para estudo compreende as regiões intermediárias¹ do estado do Ceará, apontando os resultados e destaques nos setores econômicos. A Figura 01 mostra a divisão do Ceará com base nas seguintes regiões: Sobral, Fortaleza, Iguatu, Juazeiro do Norte, Crateús e Quixadá.

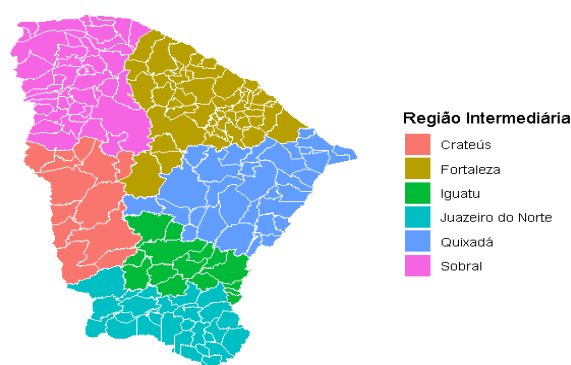


Figura 01: Divisão do Ceará por Regiões Intermediárias

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da RAIS (2021)

¹ As regiões intermediárias são unidades territoriais definidas pelo IBGE a partir da divisão regional de 2017. Elas correspondem a agrupamentos de municípios que mantêm relações entre si por meio de fluxos de pessoas, bens e serviços, geralmente em torno de cidades com maior influência, estando posicionadas entre as regiões imediatas e os estados.

Quanto ao recorte temporal, o ano de 2021, em primeira perspectiva, se destaca a disponibilidade de dados referentes ao mercado de trabalho formal para verificar a distribuição espacial dos empregos. Em segundo, pontua-se que o período selecionado se insere no contexto da pandemia de Covid-19 (Muniz *et al.*, 2020; Maciel, 2021). Assim, o período escolhido capta uma fotografia recente da estrutura empregatícia especialmente após os impactos iniciais do cenário crítico mencionado.

Os dados utilizados no estudo foram extraídos da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), base disponibilizada pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), com dados de emprego formal por grandes setores do IBGE (indústria, comércio, construção, serviços e agropecuária). A RAIS, além de ser uma fonte oficial e de alta confiabilidade, fornece dados fundamentais para estudos sobre o mercado de trabalho formal brasileiro e para a área de economia regional. É possível encontrar informações detalhadas por localidades e por setores de atividade econômica (Brasil, 2025), o que justifica o uso de tal base de dados.

2.2 Método - construção de indicadores

O estudo relevante para o presente trabalho é o de Crocco *et al.* (2006), que desenvolveu um método para identificar aglomerações produtivas locais em nível nacional combinando justamente o QL, o IHH e a PR, para criar o Índice de Concentração Normalizado (ICN).

O Quociente Locacional (QL) é uma medida de especialização relativa de um município em determinado setor que compara a participação de um setor específico de um determinado local com a participação do mesmo setor em uma economia mais ampla, podendo ser nacional ou estadual. Ele é comumente utilizado para determinar o grau de especialização de uma região em uma atividade específica. Crocco *et al.* (2006, p. 218) afirmam que o QL "[...] procura comparar duas estruturas setoriais-espaciais. Ele é a razão entre duas estruturas econômicas: no numerador temos a 'economia' em estudo e no denominador uma 'economia de referência'".

A fórmula do Quociente Locacional (QL) é:

$$QL_{ij} = \left(\frac{\frac{E_{ij}}{E_j}}{\frac{E_i}{E}} \right)$$

Onde:

- E_{ij} : Emprego no setor i no município j .
- E_j : Emprego total no município j .
- E_i : Emprego no setor i na economia de referência (neste caso, o Ceará).
- E : Emprego total na economia de referência (neste caso, o Ceará).

Quando o QL de um setor é superior a 1, isso indica que a participação daquele setor na estrutura de empregos da região analisada é maior do que a média estadual, sugerindo uma especialização local nessa atividade. Esse resultado costuma estar associado à existência de vantagens comparativas, vocação produtiva ou mesmo políticas de incentivo àquele setor. Por outro lado, valores de QL inferiores a 1 indicam que o setor em questão tem uma presença proporcionalmente menor na região em comparação ao estado, o que pode sugerir uma dependência de importações do bem ou serviço produzido por esse setor, ou ainda uma estrutura econômica voltada para outras atividades. Quando o QL é igual a 1, a participação do setor na região é exatamente proporcional à observada na economia de referência.

Monasterio (2011, p. 318) adverte que "A interpretação do QL envolve cuidados. Se uma região possui uma tecnologia mais intensiva em trabalho do que outras regiões, seu QL

pode ser enganoso, sugerindo exportações que não existem." Além disso, Crocco *et al.* (2006, p. 220) destacam que "[...] para regiões pequenas, com emprego industrial diminuto e estrutura produtiva pouco diversificada, o quociente tende a sobrevalorizar o peso de um determinado setor para a região".

Para superar limitações do QL, foi calculado o Índice de Hirschman-Herfindahl modificado (IHHm), que mede a relação entre a importância relativa de um setor na região e o peso da região no total do estado. A fórmula do IHHm é definida como:

$$IHHm_{ij} = \left(\left(\frac{E_{ij}}{E_i} \right) - \left(\frac{E_j}{E} \right) \right)$$

A interpretação é que "Um valor positivo indica que a atividade *i* do município *j*, no estado, está mais concentrada e, portanto, com maior poder de atração econômica, dada sua especialização em tal atividade. O município será considerado especializado se apresentar $IHH > 0$." (Filgueiras *et al.*, 2008, p. 89).

Já a Participação Relativa (PR) é um indicador que busca medir a importância de um setor em uma determinada região em relação à sua participação no emprego total do setor na economia de referência. Seguindo o mesmo padrão, ele é considerado um completo do QL e do IHH ao oferecer uma perspectiva sobre a relevância do setor em um cenário mais amplo. A fórmula da Participação Relativa (PR) é:

$$PR_{ij} = \left(\frac{E_{ij}}{E_i} \right)$$

Um valor baixo de PR sugere que a contribuição da região *j* para o emprego do setor *i* na economia de referência é menor.

A partir dos três indicadores anteriores, ou seja, integrando o QL, o IHH e a PR por meio de uma combinação linear ponderada, foi construído o Índice de Concentração Normalizado (ICN), com o propósito de fornecer uma medida mais robusta da concentração regional. A construção do ICN envolve a padronização dos indicadores QL, IHH e PR e a atribuição de pesos a cada um deles, geralmente por meio de técnicas multivariadas como a Análise de Componentes Principais (ACP) (Crocco *et al.*, 2006). A combinação linear dos indicadores padronizados é expressa como:

$$ICN_{ij} = \theta_{QL} \cdot QL_{ij} + \theta_{IHH} \cdot IHH_{ij} + \theta_{PR} \cdot PR_{ij}$$

Onde:

- θ_{QL} , θ_{IHH} e θ_{PR} são os pesos atribuídos a cada indicador, obtidos via Análise de Componentes Principais, metodologia estatística que permite identificar a importância relativa de cada indicador para a variância total da concentração econômica. A soma dos pesos é igual a 1 ($\theta_{QL} + \theta_{IHH} + \theta_{PR} = 1$).

O ICN varia de acordo com a magnitude dos indicadores que o compõem. Valores mais altos de ICN indicam maior potencial de concentração e aglomeração produtiva em um determinado setor e região.

Assim, a construção dos quatro indicadores foi realizada para as regiões intermediárias, a partir da média dos indicadores dos municípios pertencentes a cada uma dessas regiões, permitindo uma visão mais ampla e regionalizada das dinâmicas econômicas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise do Quociente Locacional (QL) mostra importantes padrões de especialização entre as regiões cearenses, com os valores médios de cada região destacados no Gráfico 01. No setor industrial, observou-se que a região de Fortaleza apresenta o maior QL médio ($1,18 > 1$), indicando uma especialização regional significativa, sustentada pela presença de parques

industriais e infraestrutura consolidada. Em estudos de Lima e Cavalcante (2009, p. 613), eles constatarem que “A região de Fortaleza, por sua vez, tem participações relevantes em todos os setores de destaque na indústria cearense, concentrando a maior parte da atividade no estado.” Por outro lado, a região de Crateús registrou o menor QL médio ($0,13 < 1$), revelando uma baixa concentração de empregos industriais, o que sugere menor vocação produtiva nesse setor.

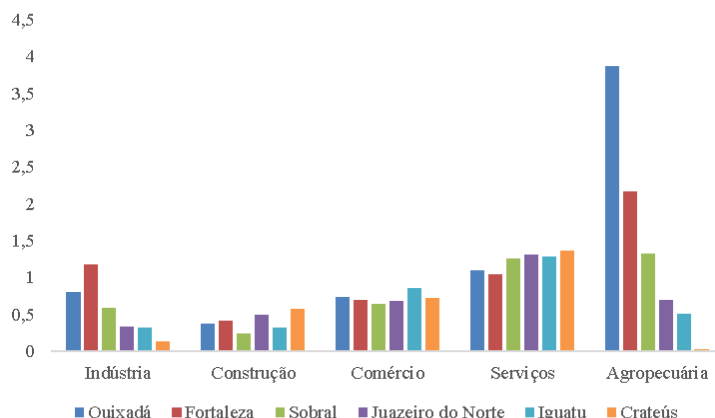


Gráfico 01: Quociente Locacional (QL) médio por setor, 2021.

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da RAIS (2021)

No setor da construção civil, as regiões de Crateús (0,57) e Juazeiro do Norte (0,49) apresentaram os maiores valores médios do Quociente Locacional (QL) em 2021. No entanto, ambos permanecem abaixo da unidade, o que indica baixa concentração relativa da atividade nessas regiões, além de uma estrutura produtiva mais diversificada. Esse resultado pode estar associado à realização de grandes obras públicas de infraestrutura naquele ano, que beneficiaram especialmente municípios do interior do estado.

A atividade comercial apresentou QL inferior a 1 para todas as regiões. Esse resultado já era esperado, pois atividades como comércio tendem a ser mais descentralizadas e, portanto, mais diversificada. Em relação ao setor de serviços, as regiões de Crateús (1,37) e Juazeiro do Norte (1,31) lideraram com os maiores QLs médios, demonstrando que esse setor exerce papel central nessas economias locais, possivelmente impulsionado pelos serviços de saúde, educação e administração pública.

Esse resultado mostra que o avanço do processo de desconcentração industrial tem beneficiado especialmente os municípios do interior, promovendo o crescimento do setor de serviços. Isso ocorre devido às políticas voltadas à interiorização do desenvolvimento, que, ao incentivar a instalação de indústrias fora dos grandes centros, acabam estimulando também a oferta de diversos serviços associados às demandas geradas por essas atividades produtivas (Pereira, 2015). É importante ressaltar que a região de Fortaleza, embora registre um QL médio menor do que o apresentado pelas outras regiões, ela ainda se mantém acima de 1, indicando especialização, mas diluída pela diversidade de setores presentes.

A agropecuária revelou-se como o setor com maior variabilidade nos QLs. As regiões de Quixadá (3,87) e Fortaleza (2,17) surpreendem com os maiores QLs médios regionais. A região de Crateús, com QL médio de apenas 0,03, praticamente não apresenta especialização agropecuária, como destaca Lustoza *et al.* (2019), tais resultados demonstram a influência da fronteira agropecuária nesta região.

A análise do IHH modificado permite compreender como a participação dos setores em cada região ou município se compara à participação geral no total de empregos. Aqui, valores positivos indicam setores relativamente mais representados, enquanto valores negativos

apontam para sub-representação. Os resultados médios encontrados para esse índice estão expressos no Gráfico 02 abaixo.

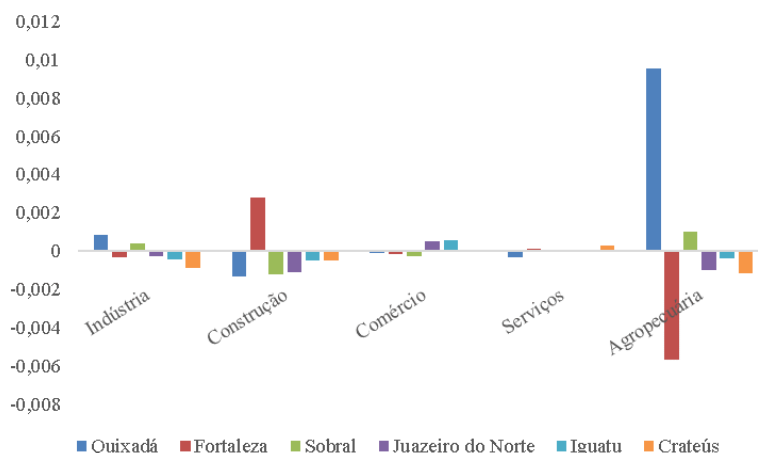


Gráfico 02: Herfindahl-Hirschman modificado médio por setor, 2021

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da RAIS (2021)

Na indústria, o IHH modificado revela que Quixadá (0,00084) e Sobral (0,00041) são as regiões com maior representação relativa de empregos industriais em comparação ao total de suas estruturas ocupacionais. Isso indica uma leve especialização local no setor, coerente com seus QIs industriais. Por outro lado, Crateús (-0,00092) possui o menor valor, indicando que a indústria tem peso inferior ao esperado no total de empregos da região, o que reforça o diagnóstico de subespecialização já indicado pelo seu QI industrial baixo.

No setor da construção, a região de Fortaleza apresenta o maior valor (0,0028), isso se alinha à presença de grandes obras e dinâmicas urbanas da cidade. Quixadá (-0,0013) e Sobral (-0,0012), por outro lado, possuem sub-representação da construção civil em relação ao seu total de empregos.

No comércio, as regiões de Iguatu (0,00057) e Juazeiro do Norte (0,00048) mostram participação comercial acima da média em suas respectivas estruturas de emprego. Ambas também apresentam os maiores QIs médios no setor, o que sugere coerência entre especialização e representação relativa. A região de Fortaleza teve QI de 0,69 no comércio e IHH modificado negativo (-0,00017), o que indica diversificação da economia regional, onde outros setores possuem maior peso relativo.

Para os serviços, os maiores IHHs modificados médios foram observados nas regiões de Crateús e Fortaleza, refletindo uma maior centralidade do setor na estrutura de empregos dessas regiões. O caso de Crateús é notável: embora apresente baixos indicadores em outros setores, os serviços compensam com uma presença elevada tanto em especialização quanto em peso relativo. A região de Quixadá (-0,00034), por sua vez, apresenta o menor IHH modificado em serviços, sugerindo que o setor tem menor presença em relação à média estadual.

Por fim, na agropecuária, o setor apresenta novamente os maiores contrastes. Regiões de Quixadá (0,0095) e Sobral (0,0010) possuem valores positivos, indicando presença agropecuária relevante dentro de suas estruturas ocupacionais. A região de Fortaleza apresenta o menor IHH modificado na agropecuária (-0,0057 em média), o que confirma a baixa representatividade desse setor na estrutura ocupacional - algo esperado em uma localidade de perfil urbano. Curiosamente, o QI agropecuário da região é o segundo maior do estado. Isso ocorre porque o QI é uma medida relativa: como muitos municípios têm participação nula na agropecuária, até mesmo um número pequeno de empregos em Fortaleza gera um QI elevado. Já o IHH, por refletir a concentração interna, mostra que o setor é pouco relevante.

De forma geral, os resultados do IHH modificado mostram que a especialização revelada pelos QLs nem sempre se traduz em peso relativo dentro da estrutura de empregos. É possível que uma região tenha um QL alto (ou seja, se especialize em um setor comparativamente ao estado) sem que esse setor tenha grande peso interno na economia local. Por exemplo, a região de Fortaleza apresenta IHH negativo no comércio, mesmo com expressiva atividade comercial em números absolutos, pois sua estrutura ocupacional é fortemente diversificada.

Também pode acontecer o inverso, “De forma semelhante, o quociente também tende a subvalorizar a importância de determinados setores em regiões com uma estrutura produtiva mais diversificada, mesmo que este setor tenha peso significativo no contexto estadual” (Abrita *et al.*, 2024, p. 33). Assim, também ocorrem casos em que o IHH é elevado, mas o QL é baixo. Um exemplo é a região de Fortaleza no setor da construção, onde o IHH (0,0028) é positivo, indicando que o setor tem peso interno significativo na estrutura de empregos da região, embora seu QL não esteja entre os mais altos, o que revela baixa especialização relativa ao estado.

No que diz respeito ao PR, indicador que mede o quanto um município/região contribui para o total de empregos de cada setor no estado e visualmente representado no Gráfico 03, a região de Fortaleza se destaca amplamente em quase todos os setores, como já era esperado devido ao seu porte populacional e econômico. A capital, especialmente, concentra a maior parte dos empregos industriais (26,3%), da construção civil (69,1%), do comércio (51,1%), dos serviços (56,0%) e até da agropecuária (8,02%). Em tal setor que tradicionalmente tem menor peso nas áreas urbanas, a região de Fortaleza figura entre as maiores PRs médias (0,0084), superada apenas por Quixadá (0,012).

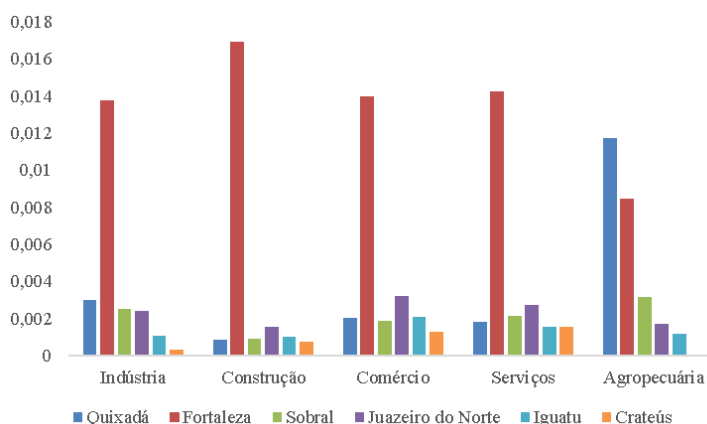


Gráfico 03: PR média por setor

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da RAIS (2021)

No extremo oposto, a região de Crateús aparece com as menores PRs médias em quase todos os setores (com exceção de serviços, no qual a região de Iguatu apresenta o menor valor), o que reforça sua baixa contribuição para o total de empregos setoriais no estado. Isso é coerente com os valores baixos de QL e IHH também observados em Crateús, especialmente na indústria e agropecuária, indicando tanto baixa especialização quanto baixa concentração setorial. Em contrapartida, Quixadá, apesar de não se destacar nos setores urbanos, apresenta PR, QL e IHH elevados na agropecuária, mostrando um perfil mais rural e especializado nessa atividade.

A análise do Índice de Concentração Normalizado (ICN) reforça e complementa os padrões identificados pelos demais indicadores locais. Este índice aponta níveis de concentração ou dispersão setorial, permitindo entender como os empregos estão distribuídos em relação à média estadual. Assim, os valores médios encontrados podem ser visualizados no Gráfico 04 a seguir.

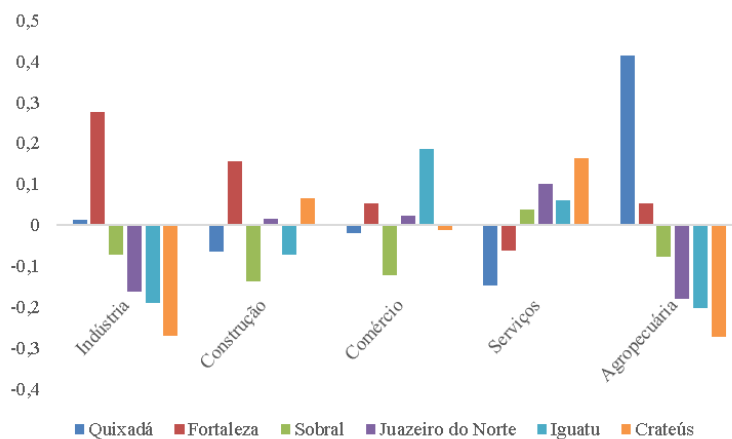


Gráfico 04: ICN médio por setor

Fonte: Elaboração própria a partir de dados da RAIS (2021)

No setor industrial, a região geral de Fortaleza apresenta o maior PR e ICN média (0,28), ou seja, contribui com a maior quantidade absoluta de empregos industriais no estado, mesmo que esses empregos estejam mais diluídos em sua estrutura. Na construção civil, a região de Fortaleza também aparece com o maior ICN (0,16), puxado pelo desempenho da capital, refletindo uma fortíssima concentração de empregos neste setor, o que se alinha ao seu papel como centro urbano e sede de grandes obras públicas e privadas. A região também lidera em PR e IHH nesse setor, o que demonstra tanto a importância da construção para a região de Fortaleza quanto sua contribuição estadual. Em contrapartida, regiões como Iguatu, Sobral e Quixadá, apresentam valores de ICN industrial negativos, sugerindo uma distribuição mais dispersa ou menor participação no setor.

No setor comercial, a região de Iguatu desponta no ranking com 0,19, seguida por Fortaleza com 0,05. Sobral, por sua vez, aparece novamente aqui com o índice negativo. No setor de serviços, a cidade de Fortaleza novamente lidera com o maior ICN (0,87), resultado coerente com sua alta PR (56%) e QL acima de 1, revelando uma especialização significativa nesse setor, além de sua representatividade estadual. Já Maracanaú, com o menor ICN (-1,86) nos serviços, confirma uma estrutura econômica mais voltada à indústria, como já apontado nos outros indicadores. Regionalmente, Crateús apresenta seu melhor desempenho (0,16), acompanhada de Juazeiro do Norte (0,10) e Iguatu (0,06). Fortaleza e Quixadá aparecem com ICNs negativos, com essa última atingindo -0,15.

Sendo assim, o ICN médio mostra que a região de Fortaleza lidera em concentração nas regiões industriais e de construção, enquanto regiões como Juazeiro do Norte, Iguatu e Quixadá assumem maior destaque em serviços, comércio e agropecuária, respectivamente. Esses padrões revelam não só as vocações produtivas locais, mas também as assimetrias regionais dentro do estado, que devem ser consideradas em estudos de diversificação e equilíbrio econômico territorial.

4. CONCLUSÃO

Este trabalho teve como objetivo analisar a distribuição espacial da atividade econômica no estado do Ceará, com foco nos setores de indústria, construção civil, comércio, serviços e agropecuária, utilizando dados de emprego formal da RAIS, para o ano de 2021. A partir da construção e aplicação de quatro indicadores - Quociente Locacional (QL), Índice de Hirschman-Herfindahl modificado (IHHm), Participação Relativa (PR) e Índice de

Concentração Normalizado (ICN) -, foi possível identificar os padrões de especialização e concentração econômica das regiões intermediárias cearenses.

A partir desses indicadores, notou-se que a região de Fortaleza, embora apresente dispersão relativa em alguns setores (IHH e ICN negativos), ainda lidera em termos absolutos (PR elevada) e mostra especialização moderada ($QL > 1$), o que indica uma estrutura econômica diversificada e dominante ao mesmo tempo. Já as regiões de Quixadá e Iguatu, exibem perfis mais especializados e concentrados em setores específicos, evidenciando vocações locais marcantes. Em conjunto, os quatro indicadores revelam que não há uma relação linear entre especialização, concentração e contribuição absoluta, mas sim complementaridades importantes para entender a estrutura regional do emprego.

A análise combinada dos indicadores também revelou divergências metodológicas, especialmente entre o QL e o IHHm, o que reforça a importância de utilizá-los de forma integrada para captar diferentes dimensões da concentração e especialização produtiva. Ressalta-se, contudo, que o estudo se baseou exclusivamente no mercado de trabalho formal, o que pode deixar de captar parte significativa da dinâmica econômica, especialmente em municípios menores ou com forte informalidade.

Em síntese, o trabalho confirma a persistência de desigualdades econômicas e produtivas no território cearense, mas também identifica potenciais polos de dinamismo no interior, que merecem atenção em políticas de desenvolvimento regional. A descentralização de alguns setores e a emergência de vocações produtivas locais reforçam a importância de estratégias que promovam a interiorização do desenvolvimento, valorizando as especificidades de cada território.

REFERÊNCIAS

ABRITA, M. B. *et al.* *Estudo da dinâmica dos arranjos produtivos locais do Estado de Mato Grosso do Sul e sua relação com a multimodalidade de transporte visando subsídios para seu fortalecimento*. Dourados: MC&G, 2024.

BELLINGIERI, Julio Cesar. Teorias do desenvolvimento regional e local: uma revisão bibliográfica. *Revista de Desenvolvimento Econômico – RDE*, Salvador, v. 2, n. 37, p. 6–34, ago. 2017.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. *O que é RAIS*. Disponível em: <https://www.gov.br/trabalho-e-emprego/pt-br/assuntos/estatisticas-trabalho/o-pdet/o-que-e-rais>. Acesso em: 15 jul. 2025.

CIMA, E. G.; AMORIM, L. S. B. Desenvolvimento regional e organização do espaço: uma análise do desenvolvimento local e regional através do processo de difusão de inovação. *Revista da FAE*, v. 10, n. 2, 2016.

CROCCO, M. A. *et al.* Metodologia de identificação de aglomerações produtivas locais. *Nova Economia*, v. 16, p. 211–241, 2006.

FILGUEIRAS, G. C. *et al.* Arranjos produtivos locais no Estado do Pará: localização espacial das atividades florestal e de madeira e mobiliário. *Revista de Economia e Agronegócio*, v. 6, n. 1, 2008.

LIMA, A. E. M. A teoria do desenvolvimento regional e o papel do Estado. *Revista Análise Econômica*, Porto Alegre, ano 24, n. 45, p. 65–90, mar. 2006.

LIMA, J. K.; ESPERIDIÃO, F. Uma análise dos quocientes locais das regiões brasileiras nos anos 1991, 2000 e 2010. *Cadernos de Ciências Sociais Aplicadas*, 2016.

LIMA, J. F. O espaço e a difusão do desenvolvimento econômico regional. In: PIACENTI, C. A.; LIMA, J. F.; EBERHARDT, P. H. C. (org.). *Economia e desenvolvimento regional*. Foz do Iguaçu: Parque Itaipu, 2016.

LIMA, W. P.; CAVALCANTE, A. L. Padrão locacional da indústria cearense: algumas evidências. *Revista Econômica do Nordeste*, v. 40, n. 3, p. 605–618, 2009.

LUSTOZA, N. P.; ALVES, D. F.; LIMA JÚNIOR, F. O. Dinâmica locacional da estrutura produtiva nas mesorregiões do Ceará nos anos de 2005 e 2015. *DRd-Desenvolvimento Regional em debate*, v. 9, p. 77-93, 2019.

MACIEL, S. A. G. *Efeitos da pandemia da Covid-19 sobre o mercado de trabalho cearense*. 2021.

MARINI, M. J.; SILVA, C. L. da. Desenvolvimento regional e arranjos produtivos locais: uma abordagem sob a ótica interdisciplinar. *Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional*, v. 8, n. 2, 2012.

MATTEO, M. Teorias de desenvolvimento territorial. In: CRUZ, Bruno de Oliveira *et al.* (org.). *Economia regional e urbana: teorias e métodos com ênfase no Brasil*. Brasília: Ipea, 2011.

MONASTERIO, L. CAVALCANTE, L. R. Indicadores de análise regional e espacial. In: CANO, W. *Economia regional e urbana: teorias e métodos com ênfase no Brasil*. Brasília: Ipea, 2011. cap. 2. p. 43-77.

MUNIZ, A. M. V. Produção do espaço metropolitano de Fortaleza e a dinâmica industrial. *Mercator (Fortaleza)*, v. 14, n. 3, p. 61-74, 2015.

MUNIZ, A. M. V.; SILVA, J. B.; FERNANDES, J. S. Impactos da COVID-19 no mercado de trabalho metropolitano de Fortaleza no contexto de inflexão neoliberal. *Revista da Casa da Geografia de Sobral*, v. 22, n. 3, p. 85–101, 2020.

PEREIRA, W. E. N. Reestruturação econômica no nordeste brasileiro. *Revista de Economia Regional, Urbana e do Trabalho*, v. 4, n. 1, 2015.

PIACENTI, C. A.; ALVES, L. R. O perfil locacional do emprego setorial no Brasil. *Revista Econômica do Nordeste*, Fortaleza, v. 39, n. 3, p. [inserir página inicial–final], jul./set. 2008.

SILVA, L. C. *et al.* *Localização, especialização e decomposição do emprego formal nos estados do Nordeste: uma análise para os períodos de 2010/2015 e 2015/2020*. 2022.